

CONTEÚDOS

- 01 EDITORIAL
- 02 ARTIGO SEIS ANOS NA DIRECÇÃO DO ICOM PORTUGAL (2008-2014): BALANÇO SUMÁRIO
- 11 OPINIÕES MUSEUS: AS COLECÇÕES CRIAM CONEXÕES
- 14 NOVOS, RECENTES E RENOVADOS MUSEU DO BENFICA – COSME DAMIÃO
- 21 NOTÍCIAS ICOM
- 22 NOVAS PUBLICAÇÕES
- 23 CALENDÁRIO DE INICIATIVAS

EDITORIAL

MARIA VLACHOU

No próximo dia 31 de Março os membros do ICOM Portugal irão eleger os corpos gerentes para o triénio 2014-2017. Neste número, pareceu-nos que faria sentido publicar o balanço da actual Direcção do ICOM Portugal após 6 anos à frente do comité nacional da maior associação de profissionais de museus do mundo. **Luís Raposo, Marta Lourenço, Isabel Tissot, Graça Filipe e Paula Menino Homem**: obrigada pela vossa dedicação e trabalho.

Aproveitando o tema do Dia Internacional dos Museus deste ano, “Museus: as colecções criam conexões”, convidámos **Ana Margarida Ferreira e João Castel-Branco Pereira** a partilharem as suas reflexões. Dirigimos ainda um convite a **Luís Lapão**, curador do Museu do Benfica – Cosme Damião, para apresentar este mais recente projecto museológico português.

Como sempre, no final irão encontrar notícias, referências a novas publicações e iniciativas dirigidas aos profissionais dos museus.

Este é o último número do boletim cuja edição é da minha responsabilidade. Foram 6 anos, 24 números. Procurámos dar voz a colegas conhecidos e respeitados, mas também a novas vozes, a jovens colegas que, através da sua investigação e prática museológica, procuram criar o seu espaço neste sector, enriquecê-lo, desassossegá-lo. Procurámos ainda criar um espaço para não profissionais de museus e conversámos com várias pessoas sobre a sua relação, passada e actual, com os museus. Em certos momentos, foi um olhar diferente, um olhar que nos mostrou o ‘outro lado’, de quem usufrui ou não, de quem gosta ou não, de quem se envolve ou não. O boletim precisa agora de ser avaliado, repensado, refrescado, para continuar a ser útil para a comunidade museológica portuguesa.

O meu obrigado a todos os leitores do boletim, a todos os que contribuíram com conteúdos ou que os sugeriram e aos colegas da Direcção do ICOM Portugal.

Boa leitura.

ARTIGO

SEIS ANOS NA DIRECÇÃO DO ICOM PORTUGAL (2008-2014): BALANÇO SUMÁRIO

LUÍS RAPOSO

MARTA LOURENÇO

ISABEL TISSOT

GRAÇA FILIPE

PAULA MENINO HOMEM

DIRECÇÃO DO ICOM PORTUGAL

Quando em 14 de Março de 2008 nos candidatámos à direcção da Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional dos Museus (ICOM Portugal ou simplesmente ICOM PT), apresentámos um documento que intitulámos de "Linhas Programáticas" e que pretendia condensar em quatro eixos os nossos propósitos no período que se avizinhava, em caso de merecermos a confiança dos nossos pares. Mais tarde, quando em 28 de Março de 2011 fomos reeleitos para segundo mandato, mantivemos o referido documento orientador, sem qualquer alteração. É por isso natural que o tomemos agora como base condutora deste balanço sumário, o qual não dispensa a consulta dos sucessivos relatórios anuais de actividade, todos disponíveis em linha no sítio Internet do ICOM PT (www.icom-portugal.org).

Assim:

Eixo 1 - Afirmação pública do ICOM Portugal

Considerado como "uma das nossas maiores prioridades", propúnhamos no nosso primeiro eixo programático "fazer compreender a todos os potenciais interlocutores dos museus, com especial relevo neste contexto para os decisores administrativos e políticos que o ICOM Portugal constitui uma entidade privilegiada e independente para os assuntos relacionados com os museus em Portugal" e, nesse sentido, dispúnhamo-nos "incentivar as tomadas de posição sobre temas da actualidade museológica portuguesa e internacional por parte dos membros dos Corpos Gerentes, quer a título individual, quer a título colectivo, neste caso através de comunicados da Direcção". Referíamos a importância do Dia Internacional dos Museus como oportunidade acrescida para chegar a maior número de destinatários. No plano da implantação no nosso meio profissional salientávamos a participação em actividades nacionais e estrangeiras, nomeadamente as da rede ICOM internacional.

Passados seis anos julgamos que estes objectivos foram em grande medida alcançados, porventura até superados. Mesmo correndo o risco de sermos considerados juizes em causa própria, mas porque finalmente é o conjunto da nossa organização que importa avaliar, diremos que consideramos hoje poder transmitir aos nossos sucessores um ICOM PT mais reconhecido socialmente, seja no plano nacional, seja no plano internacional.

Sustentamo-nos para esta afirmação num conjunto variado de dados, de que destacamos:

1a) No plano das políticas culturais

- Análise regular e atenta da situação dos museus portugueses, com a emissão de documentos de fundo relativas às políticas culturais, nas áreas específicas do património e dos museus; tomem-se a título exemplificativo as nossas declarações intituladas "Os museus portugueses no início da segunda década do

século XXI. Desafios para a XI Legislatura” (2009), “Os Desafios da Política de Museus em Tempo de Crise” (2011), “A Administração Pública da Cultura e os Museus” (2012) e “Acerca da Composição da Secção dos Museus, Conservação, Restauro e Património Imaterial do Conselho Nacional de Cultura” (2013);

- Acompanhamento de museus e colecções em situação de grande risco, inclusive encerramento ou destruição, defendendo-os junto das respectivas tutelas e sobretudo concitando em sua defesa a opinião pública (por exemplo, a Fábrica/Museu de Cerâmica das Caldas Rainha, o Museu da Cortiça de Silves, e os Museus de Belém, o Museu da Ciência, o património museológico da Colina da Santana, a Cinemateca Portuguesa- Museu do Cinema, as Colecções e o Património do Instituto de Investigação Científica e Tropical, todos em Lisboa);
- Encontro repetido com todos os Grupos Parlamentares e a participação em audições parlamentares, a solicitação de audiências a todos os sucessivos titulares governativos (ministros e secretários de Estado) e responsáveis pelos organismos do aparelho Estado do sector dos museus (IMC, IGESPAR e DGPC);
- Participação na Secção de Museus, Conservação e Restauro (actualmente também de Património Imaterial) do Conselho Nacional de Cultura, com intervenção activa e apresentação ou subscrição de propostas;
- Intervenção cívica, tanto pela organização ou participação nos mais variados debates públicos (por exemplo, “Os Desafios da Política de Museus em Tempo de Crise” em 2011, no Museu da Electricidade, em Lisboa) ou em programas radiofónicos ou televisivos, como pela escrita de textos de opinião pessoais, na expressa qualidade de membros da direcção ou dos corpos gerentes do ICOM PT, textos que, por não representarem tomadas de posição formais e oficiais, permitiram desenvolver teses porventura mais polémicas, mas também mais acutilantes e de maior impacte público.

1b) No plano da relação com a comunidade museológica nacional

- Participação regular em actividades promovidas por museus, em todo o País, em especial por ocasião do Dia Internacional dos Museus;
- Divulgação do ICOM por diversas vias (entre as quais a da edição de desdobrável especificamente concebido para o efeito) e junto de diferentes destinatários, com especial ênfase nos estudantes de museologia, para os quais se organizaram sessões em escolas de formação e graduação universitária (no Porto e em Lisboa);
- Participação em júris, seja em casos de acesso a lugares de direcção de museus (no âmbito das tutelas do Estado central ou das autarquias), seja em casos de atribuição de prémios (por exemplo: concurso promovido pela Fundação EDP, “EDP Ilumina o Património”);
- Participação e mesmo organização de actividades visando a promoção dos museus, especialmente junto dos meios económicos, como foi o caso do Encontro sobre “O Mercado dos Museus e o Ensino Superior: Formação Académica e Integração Profissional”, integrado na EXPONOR (2009), na Maia, ou da Festa dos Museus, integrada no Festival IN, FIL (2013), em Lisboa;

1c) No plano da relação com o ICOM internacional

- Participação activa em todas as reuniões do Conselho Consultivo, nas Assembleias-Gerais e na Conferência trienal do ICOM, com intervenção activa e apresentação ou subscrição de propostas;

- Organização frequente de iniciativas do ICOM, seja pelo acolhimento e co-organização em Portugal de reuniões de comités de especialidade (ICOM Glass, em 2009; ICOM-CC e ICOM-UMAC, em 2011), seja pela recepção de dirigentes máximos da organização (Presidente e Director-Geral), seja pelo estabelecimento de relações bilaterais (especialmente com o ICOM Brasil) ou multi-laterais, salientando-se neste caso duas iniciativas de grande impacto no conjunto da organização ICOM, a saber: o retomar de uma já longa tradição do ICOM-Portugal como *pivot* das relações com museus de comunidades de língua portuguesa, através da organização em 2011 do VI Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa (cujas actas viriam a ser lançadas em 2013, durante a Conferência trienal do ICOM, no Rio de Janeiro) e a organização em 2013, conjuntamente com o ICOM Europa, da Conferência “International Public Policies Towards Museums in Times of Crisis” (cuja publicação das actas se espera para muito brevemente, sob a forma de livro digital), da qual resultou a chamada “Declaração de Lisboa” (*Support Culture and Museums to face Global Crisis and build the Future*), um apelo dirigido ao Parlamento e à Comissão Europeias, assim como aos diferentes Governos Nacionais e Regionais);

- Eleição ou convite para lugares de relevo na organização do ICOM, seja por parte de membros do ICOM Portugal, ao nível dos comités de especialidade, seja por parte da direcção, e especificamente do presidente, ao nível da Aliança Regional ICOM Europa (eleito membro da direcção durante a Conferência Trienal de Xangai, em 2010, e reeleito durante a Conferência trienal do Rio de Janeiro, em 2013) e de comités e grupos de trabalhos centrais (nomeado pelo Presidente do ICOM para integrar o Comité de Avaliação do Plano Estratégico 2011-2013, para o recentemente criado Grupo de Trabalho sobre Estatutos, Regras Internas, Regulamentos e Governança e ainda para representar o ICOM em audições sobre “O Futuro dos Museus na Europa” no Parlamento Europeu e no Conselho da Europa).

Eixo 2 - Actividade científica e profissional

Era nosso entendimento há seis anos, como agora, que - para além do seu estatuto de Organização Não Governamental totalmente independente dos poderes políticos, agentes ou forças sociais, mas deles parceiro activo, pelas responsabilidades acrescidas que a sua representatividade e qualificação lhe outorgam - o ICOM Portugal não deveria descurar a sua dimensão de ponto de encontro de museus e de profissionais de museus, proporcionando aos membros actividades promovidas pelo próprio ICOM, tanto no plano nacional, como no plano internacional. No que directamente nos dizia respeito, propúnhamos retomar e conferir regularidade anual às Jornadas do ICOM Portugal, a ter lugar na Primavera (e de que se tinham realizado cinco edições em todo os anos anteriores ao nossos mandatos). Expressávamos também o desejo de “iniciar um segundo tipo de acções, a ter lugar no Outono, e que designaremos por Encontros do ICOM.

Mostrávamos ainda a intenção de “estimular todos os projectos, designadamente os de cariz universitário, que visem o estudo da realidade dos museus em Portugal”, bem como apoiar ou promover a “realização de palestras ou sessões práticas por parte de especialistas estrangeiros que se estejam a Portugal ou que seja possível fazer deslocar ao nosso País.” Mais uma vez, julgamos que cumprimos adequadamente estes desideratos, sendo de destacar:

2a) Encontros promovidos ou apoiados pelo ICOM Portugal

- Jornadas Anuais de Primavera. Realização de um total de seis edições, cumprindo assim o objecto da anualidade a que nos tínhamos proposto; salientamos o carácter diversificado (no sentido temático e no sentido de pontos de vista) dos convites para intervirem, feitos a colegas e outros especialistas nacionais e estrangeiros, assim como, em cada edição, o estabelecimento de um tema de base de relevância científica

e/ou profissional, relacionando-o sempre que possível com o mote escolhido para o Dia Internacional dos Museus; assim, em 2009: “Museus e Turismo”; em 2010: “Museus e Harmonia Social”; em 2011: “Museus e Memória: Os objectos contam a nossa história”; em 2012: “Deontologia dos Profissionais de Museus, Novos Paradigmas?”; em 2013: “Políticas Públicas para Museus em Tempos de Crise” (integradas na Conferência Internacional do mesmo nome); em 2014: “Planear e Programar Museus: Criar Conexões, Envolver a Sociedade, Construir uma Visão Cultural para o Desenvolvimento”);

- Encontros de Outono do ICOM Portugal. Enquanto nas Jornadas de Primavera se manteve a prática anterior de as fazer coincidir com as Assembleias-Gerais do ICOM Portugal, potenciando-se mutuamente, mas introduzindo necessariamente alguma rigidez (de calendário e de localização geográfica), considerou-se que neste caso se podia (e deveria, dando, aliás, resposta a pedidos nesse sentido) introduzir alguma maleabilidade, organizativa e geográfica. Realizou-se assim o total de quatro edições dos Encontros de Outono (apenas ficou por realizar a sessão de 2012, ano que, de algum modo, se pode considerar culminante da actividade da actual direcção, tendo mobilizado numerosas actividades, entre as quais diversas outras reuniões científicas de âmbito internacional), em Lisboa (dois), no Porto e no Seixal, tendo estabelecido as apropriadas parcerias externas; assim, em 2009: “Conservação de Património e Museus em Contexto Autárquico” (parceria com o Ecomuseu do Seixal); 2010: “Museus de Ciência e Tecnologia: O estado da arte em Portugal” (parceria com o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa); 2011: “Museus e Sustentabilidade Financeira” (parceria com o Museu Nacional Soares dos Reis); 2013: “Sistemas de Informação em Museus: Estado da Arte em Portugal” (parceria com a BAD-Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas);

- Debates, Palestras, etc. Promoveu-se ainda a realização, com alguma regularidade, das mais diversas sessões informativas ou de formação, debates e conferências, aproveitando em diversos casos a presença em Portugal de especialistas credenciados, procurando, sempre que possível, conjugar esforços com entidades terceiras, nomeadamente as universitárias e do próprio ICOM internacional; sirvam de mero exemplo, em 2008: encontro internacional sobre “Profissões Museais: Referencial europeu e situação portuguesa” (em conjunto com o ICTOP e contando com a presença da respectiva presidente); em 2009: workshop sobre o Código Deontológico do ICOM (com duas edições, em Lisboa e no Porto) e mesa-redonda sobre “Museus de Belém: Perspectivas de Futuro” (que juntou todos os responsáveis pelas direcções dos mesmos); em 2010: jornada de reflexão em Silves sobre “Museu da Cortiça da Fábrica do Inglês, em Silves: que Futuro?”; em 2011, o encontro informativo “O Potencial do Programa Aprendizagem ao Longo da Vida para os Museus e seus Profissionais” (com a colaboração da Agência PROALV, também com duas edições, uma em Sacavém/Loures, outra no Porto); em 2012, o painel de debate “Crisis as a Challenge to do more and better”, incluído na Conferência European Museum Advisors, reunida em Lisboa; em 2013, o painel-debate sobre “Património Cultural e Museus, que perspectivas de gestão integrada?”, que teve lugar em Lisboa e contou com a presença da Directora-Geral do Património Cultural. Merece especial referência a colaboração estreita mantida com um dos antigos presidentes do ICOM e figura maior da museologia, Hugues de Varine, que participou em diversas actividades e nos deu a honra de estar presente em Lisboa (Centro de Desenvolvimento Comunitário de Ameixoeira) e em Corroios (Ecomuseu Municipal do Seixal) na apresentação da tradução portuguesa do seu livro “As raízes do futuro. O património a serviço do desenvolvimento local”, 2012, editora Mediani, Brasil, 2012 e de que o ICOM Portugal assumiu a distribuição em Portugal;

- Outras actividades dos membros do ICOM, em Portugal. Deu-se especial atenção ao acompanhamento e mesmo promoção das actividades dos membros do ICOM no âmbito de comités de especialidade internacionais. Sirvam de exemplo as áreas educativa e de extensão cultural, federada no ICOM-CECA, ou a das Casas-Museu, federada no ICOM-DEMHIST; no primeiro caso, promoveu-se em 2011 a realização do

encontro nacional “Serviços Educativos em Portugal: Ponto da Situação” (que contou com a presença da presidente do ICOM-CECA), assim como foi dado todo o apoio à constituição, no seguimento do mesmo, de um núcleo informal de membros portugueses daquele comité de especialidade; no segundo caso, esteve o ICOM PT sempre presente nos sucessivos Encontros Internacionais de Casas-Museus, desde o primeiro, em 2008 (em Vila Nova de Famalicão) até ao mais recente, já em 2014, em Cascais;

2b) Textos de referência

- Assegurou-se a conclusão do processo de edição e validação por todas as partes (comités nacionais, no caso português durante a Assembleia geral de 2009, e estrutura central), iniciada pela anterior Direcção, da versão portuguesa do Código Deontológico do ICOM, de que subseqüentemente editámos em brochura (em colaboração com o ICOM-Brasil);
- Promoveu-se a tradução do “Referencial Europeu das Profissões Museais” (2008) (em colaboração com o ICOM-Brasil);
- Promoveu-se a tradução dos “Conceitos-chave de Museologia” (2013) (em colaboração com o ICOM-Brasil);
- Promoveu-se (em colaboração com a Universidade Lusófona de Tecnologia e Humanidades e a Empresa Sistemas do Futuro) a disponibilização digital e edição em papel da base de dados “Bibliografia Museológica em Língua Portuguesa” (da autoria de Natália Correia Guedes), assim como das edições das actas dos anteriores encontros de museus de países de língua portuguesa (2011).
- Deu-se apoio à realização de estudo de visitantes seniores em museus portugueses, em colaboração com o GAM - Grupo para a Acessibilidades em Museus, conforme protocolo adiante referido;

2c) Apoios a programas de formação e investigação

- Divulgaram-se junto dos membros do ICOM Portugal e patrocinaram-se junto dos organismos centrais os programas de concessão de apoios para a realização de programas de investigação, formação a participação em reuniões científicas;
- Através de uma gestão muito contida e criteriosa dos fundos resultantes das quotizações dos membros, na pequena parte arrecadada no plano nacional, lançou-se em 2012 um programa próprio de idênticas finalidades, constituído por duas bolsas anuais, uma dirigida para actividade a ter lugar na Europa e outra para o resto do Mundo.

Eixo 3 – Colaboração institucional

A colaboração institucional, e nomeadamente inter-associativa, a que se refere o terceiro eixo do plano de trabalho apresentado em 2008 e retomado em 2011, encontra-se em parte ligada com o disposto no eixo 1, relativo ao reforço da afirmação pública do ICOM Portugal. Amplia-o, contudo, porque lhe confere um âmbito mais vasto, relacionado com a própria formação de cidadania, através do reforço da intervenção do movimento associativo, mormente aquele que, sem desempenhar funções sindicais, mas com reconhecida representatividade institucional e profissional, se inscreve no cruzamento das qualificações resultantes do domínio dos respectivos saberes disciplinares. Para além das relações privilegiadas com a outra única associação nacional de profissionais de museus, a APOM (Associação Portuguesa de Museologia), dispúnhamos assim criar “canais de contacto regular com as restantes associações de profissionais que

recortam parcialmente as funções museais” e ainda “com a associações de carácter cívico, de promoção da cultura ou de defesa do património cultural, no seu todo ou sectorialmente”. Dávamos por outro lado especial ênfase à “promoção da troca de experiências entre as CN do ICOM dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs)”.

Trata-se de mais uma dimensão em que estamos convictos ter cumprido adequadamente o que nos propúnhamos, podendo mesmo afirmar que foram dados passos inovadores e muito relevantes.

Assim:

3a) Relacionamento com entidades associativas do âmbito museológico

- As tradicionais relações de bom entendimento com a APOM foram mantidas e reforçadas, tendo mesmo havido reuniões formais entre ambas as direcções (2011), desenvolvido actividades comuns e adoptado posições concertadas na maior parte dos temas relacionados com a realidade dos museus portugueses, mormente as políticas das entidades de tutela (dê-se como exemplo as audições parlamentares em que ambas as associações participaram); na salvaguarda da identidade própria de cada associação, e de posição ocasionalmente diferenciadas, pode bem dizer-se que ambas as associações deram prova do seu compromisso em prol de princípios gerais partilhados e estamos certos que tal exemplo constituiu um factor importante de qualificação e dignificação dos museus e dos seus profissionais,

- Uma segunda frente importante de relação inter-associativa é a que muito naturalmente se deve estabelecer entre as Comissões Nacionais do ICOM e do ICOMOS, na sua condição de entidades equivalentes, cada uma no seus respectivo domínio disciplinar e sócio-profissional. Podemos afirmar termos aqui trilhado caminhos novos, de relevante impacte no presente e grande potencial futuro. Foram diversas as iniciativas e tomadas de posição comuns entre as direcções de ambas as associações. Citem-se as mais recentes: o debate promovido conjuntamente na Padrão dos Descobrimentos, Lisboa, em Junho de 2012, sobre “A Nova Orgânica da Cultura na área do Património Cultural e dos Museus”, fixado depois em declaração igualmente conjunta (Julho de 2012); e a declaração “Projectos de Loteamento do Hospital Miguel Bombarda, Hospital de S. José, Hospital dos Capuchos e Hospital de Santa Marta, Colina de Santana, Lisboa” (Julho de 2013);

- Tomou-se ainda neste período, pela primeira na história do ICOM Portugal, a iniciativa da convergência entre associações cívicas e patrimoniais, num âmbito muito mais alargado do que o dos museus. Esta dinâmica contribuiu decisivamente para o reforço do reconhecimento técnico e prestígio social da nossa organização. O melhor exemplo foi o da criação, logo em Maio 2008, no Museu de Ciência da Universidade de Lisboa e sob impulso do ICOM Portugal, de uma “Plataforma pelo Património Cultural” (PP-Cult), integrando mais de duas dezenas de associações do amplo sector do património e museus. A Plataforma, que se apresentou publicamente no Teatro São Luiz, em Outubro do mesmo ano, onde divulgou a sua declaração de princípios (“O património como valor estratégico e oportunidade nacional”), promoveu subsequente um debate com a intervenção de especialistas convidados. Pouco depois (Novembro de 2008), novo debate foi organizado, no Padrão do Descobrimentos, para discussão da proposta de lei sobre o regime geral dos bens do domínio público. Em 2011, organizou ainda a PP-Cult um debate no Cinema S. Jorge sobre “Políticas de Património Cultural: Balanço Recente, Perspectivas Próximas”, o qual logrou alcançar grande impacte público. A PP-Cult constitui, assim, um recurso de intervenção associativa, um canal célere de contacto entre um leque muitíssimo alargado de associações, que a todo o tempo pode ser reactivado, em torno de problemáticas concretas ou de discussões programáticas que a todas interessem;

- Outras articulações de cooperação foram desenvolvidas pelo ICOM Portugal, procurando pontes de diálogo com todos os sectores e sensibilidades, na única condição da qualificação dos intervenientes. Cite-se o caso

da reflexão comum com a INDUSCRIA no sentido da configuração de um “Lisbon Museums District Project”, no âmbito do planeamento dos equipamentos culturais da cidade de Lisboa. E cite-se ainda o protocolo e colaboração estabelecido com o GAM - Grupo para a Acessibilidades em Museus, antecedente da actual associação Acesso Cultura.

- A cooperação institucional com organismos do Estado foi já referida noutros pontos deste balanço. Referimo-nos ao Estado em sentido amplo, porque o mesmo não se limita ao Governo central, nem dentro deste à tutela da Cultura (cite-se, a título de exemplo, a participação regular que tivemos no Conselho Consultivo da Comissão Nacional da UNESCO), mas envolve também as Autarquias (citem-se a diversas audiências que tivemos com Presidentes de Câmara e Vereadores e com a própria Associação Nacional de Municípios). Importa neste contexto sublinhar que o ICOM Portugal mostrou sempre empenho em colocar os seus saberes e as suas avaliações ao dispor das sucessivas entidades de tutela dos museus e dirigentes governativos, aos quais, sem excepção, sempre se dirigiu aquando da sua entrada em funções, pedindo, e em geral obtendo, audiências para apresentação de cumprimentos e explanação de pontos de vista (com o actual Secretário de Estado da Cultura encontra-se pendente uma audiência conjunta pedida com a direcção do ICOMOS Portugal).

- Finalmente, no plano da cooperação entre profissionais de museu e museus do universo da CPLP são de reter os já referidos contactos regulares com o ICOM Brasil, assim como o também já citado VI Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa, que teve lugar em 2011; importa salientar quanto a este a ampla mobilização de apoios alcançada, desde uma bolsa inicial do ICOM até ao patrocínio e co-organização da CPLP, da Fundação Oriente, da UCCLA e da Comissão nacional da UNESCO, bem como de diversas outras entidades de âmbito público (Câmaras Municipais de Lisboa e Cascais) e privado (Fundações Gulbenkian, Millenium BCP e EDP, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Empresa Sistemas do Futuro), num todo que permitiu reunir em Lisboa 300 profissionais de museus de todos os países e de diversas comunidades de língua portuguesa, levando a que tivesse sido dados os primeiros passos para a criação das Comissões Nacionais do ICOM em Cabo Verde e Moçambique.

Eixo 4 – Organização interna

Um último eixo programático (último e quiçá menos visível, mas nem por isso de menor importância) era o da tomada de medidas que reforçassem e tornassem mais ágil a organização interna da nossa Comissão Nacional. Todos os que alguma vez trabalharam, em regime de total voluntariado e fora das suas horas normais de serviço nas instituições de origem, em organizações independentes não governamentais, ditas da “sociedade civil”, sabem quanto consomem os aspectos administrativos e quanto podem os mesmos ser decisivos para a prossecução das finalidades associativas. À partida, o nosso escopo, neste particular, era aparentemente modesto: “proceder a alguns ajustamentos em matéria de rotinas e procedimentos administrativos”; continuar a edição do Boletim informativo, “com periodicidade quadrimestral”; editar “repertórios bibliográficos, textos de referência, nacionais ou internacionais (desde que garantidas as necessárias autorizações de reprodução), programas de leccionação universitários.” Verificámos depois que era forçoso aprofundar muitíssimo alguns destes objectivos e acrescentar-lhes outros.

Sem pretendermos ter cumprido a totalidade que nos propúnhamos (deixámos, por exemplo, por satisfazer a disponibilização em linha dos programas universitários de museologia, o que embora se afigure relativamente simples, não constituiu prioridade nossa, em face de outras), cremos ter também aqui cumprido não apenas satisfatória, como superlativamente o que se poderia e porventura deveria exigir dos nossos mandatos.

A nossa primeira e mais decisiva linha de acção neste apartado foi a da revisão dos estatutos do ICOM Portugal, depois de termos em absoluto adquirido a consciência de que assim deveríamos proceder. Este processo foi conduzido em termos técnicos durante o ano de 2008 e início de 2009, até à aprovação do novo articulado pela Assembleia-Geral de 29 de Abril de 2009. Para além de aspectos relativamente menores (como a própria oficialização das designações ICOM Portugal e ICOM PT ou a possibilidade de contacto com os membros através de correio electrónico, excepto no caso da convocatória para Assembleias Gerais), a revisão assim operada introduzia pela primeira vez a capacidade de arrecadação de receitas, para além das quotizações, visando a organização das actividades do ICOM.PT, realizadas no quadro dos objectivos associativos.

Decorrente da revisão dos estatutos foi assim possível organizar a actividade financeira de acordo com o exigido pelas autoridades fiscais. Isto permitiu também, além de estabilizar e aumentar significativamente as receitas do ICOM-PT, estabelecer um plano de investimento para financiamento dos vários encontros, para a organização do centro de documentação e ainda para a criação de um fundo para bolsas para participação em conferências científicas internacionais de museus e museologia. Este fundo constitui-se com uma percentagem das quotas dos membros individuais. No final de 2013 o fundo tinha 6.198€, já após financiamento de 2 bolsas. E tudo isto foi feito em termos tais que, passados seis anos e passada a intensa actividade que neles desenvolvemos, com custos necessariamente elevados, iremos poder deixar aos nossos sucessores um montante operacional semelhante ou até superior ao que recebemos.

Afora este requisito prévio, foram tomadas medidas que nos permitem agora alinhar o elenco de realizações que passamos a apresentar e, no seu conjunto, conferem ao ICOM Portugal uma estrutura organizativa não isenta de debilidades, é certo (por exemplo, fixação definitiva da sede social; consolidação da capacidade de contratação de pelo menos um funcionário – o que até agora tem sido feito de forma ocasional), mas suficientemente sólida e de grande operacionalidade.

Assim:

- A edição do Boletim Informação ICOM.PT constituiu certamente um dos principais êxitos dos últimos anos na vida do ICOM Portugal. Em vez da periodicidade quadrimestral inicialmente prevista, conseguiu-se cumprir, com exemplar regularidade, a edição trimestral de 24 números digitais (mas preparados para impressão por ou a pedido de qualquer utente), ricos de conteúdos, mas dotados de grafismo simples, em sintonia com o sítio internet onde ficam alojados. Importa sublinhar que este sucesso ficou a dever-se em larga medida à acção da editora, Maria Vlachou, membro dos corpos gerentes a quem a direcção solicitou este comprometimento;
- Revisão profunda, na verdade recriação, do sítio Internet do ICOM Portugal, que passou a dispor de identidade própria (www.icom-portugal.org), constituindo uma ferramenta fundamental do relacionamento dos membros e de todos os interessados com a nossa organização. Nele procurámos recolher tanto as informações de actualidade acerca da actividade do ICOM (nacional e internacional), como o arquivo de documentação variada, nomeadamente a que se refere a sucessivas tomadas de posição e ao Boletim Informativo acima referido;
- Criação de uma linha gráfica uniforme para usar em cartazes e demais material de divulgação das actividades do ICOM PT;
- Publicação dos “Elementos para História da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM – 1986-2001”, por Natália Correia Guedes;
- Organização, especialmente no nosso segundo mandato directivo, do arquivo histórico e corrente do ICOM Portugal, o qual contém documentos muito relevantes para a história dos museus e dos seus profissionais.

Numa primeira fase, foi centralizada a documentação que se encontrava dispersa por vários locais de Lisboa, que foi depois higienizada e organizada em arquivo histórico e arquivo corrente. Apesar de não se ter conseguido financiamento específico para a catalogação e acessibilidade do Arquivo Histórico, que contém documentação desde a década de 1940, conseguiu-se a organização de um Guia de Fundos preliminar, que permite a consulta, a pedido;

- Foi ainda reorganizada e tornada mais operacional a base de dados de membros. Fica para o futuro um eventual aproveitamento da plataforma informática que o ICOM criou entretanto (ICOMMUNITY), podendo esta ser usada tanto no plano de relação individual dos membros com a organização, como no plano dos comités nacionais e internacionais.

...

Deixamos para o fim um último indicador do sucesso da nossa organização. Último, mas por certo mais compensador. Referimo-nos ao número de novos membros: mais de duas centenas (206 em termos precisos) em termos individuais e uma dezena em termos institucionais, nos seis anos a que reporta o presente balanço. Mais do que quaisquer outros considerandos, bastar-nos-ia este para chegarmos ao final dos nossos mandatos com a convicção de que não somente cumprimos o que nos seria exigível, com o sentido da responsabilidade inerente, como o levámos mais longe, explorando caminhos e atingindo níveis de desempenho porventura inesperados à partida, tudo fazendo com a entrega própria das coisas que verdadeiramente nos dão prazer – as únicas que, afinal, importa recordar.

Uma mágoa nos assiste, todavia, neste momento: a de sentirmos que o estado geral dos museus portugueses, especialmente no sector público e na relação com as respectivas tutelas, é pior do que há seis anos. Pior ainda: a convicção de que se recuou significativamente, no plano conceptual, legislativo e administrativo, no respeito pela natureza singular da instituição museal, a qual requer em absoluto níveis significativos de autonomia de projecto, servida por quadros de pessoal e orçamentos próprios. Em rigor, trata-se de uma regressão que vinha sendo já sentido antes dos nossos mandatos no ICOM PT (e que a nossa própria candidatura visava combater), mas foi dramaticamente acentuada nos últimos anos, devido a crise social global por que temos passado. O centralismo quase paralisante a que assistimos no domínio público, tanto no Estado central como no Poder Local, adicionado à falta de recursos financeiros e ao despovoamento em recursos humanos, e ainda o aumento das práticas autoritárias no domínio privado, conduzem ao alastramento do medo e com ele do demissionismo.

Neste contexto, mais se reforça a importância do ICOM Portugal e do estatuto de grande representatividade e qualificação, colaborante mas de independência e até de combatividade, que lhe procurámos reforçar. Aqui, e apenas aqui, reside a chave do nosso optimismo: estamos confiantes em que os membros da nossa organização, que quase duplicaram nos últimos anos, saberão continuar a fazer dela a sua mais segura forma de intervenção profissional e cívica.

OPINIÕES

MUSEUS: AS COLECÇÕES CRIAM CONEXÕES

I

ANA MARGARIDA FERREIRA

CONSERVADORA DE MUSEUS, MESTRE EM MUSEOLOGIA E PATRIMÓNIO

À parte a rima um pouco irritante, o tema proposto pelo ICOM para comemorar o Dia Internacional dos Museus 2014 é-me agradável e sugestivo, especialmente por tocar questões centrais da razão de ser e do desempenho dos museus.

Sou conservadora de museus – de arte e arqueologia – há mais de vinte anos e, olhando para trás e para o momento presente, apetece-me dizer: colecções criam conexões se...

- Se forem verdadeiras colecções: formadas com sentido e incorporadas em museus cuja vocação e missão estejam claras e sejam perenes; e também se tivermos a coragem de abater colecções erráticas, objectos avulsos, deteriorados, não documentados, ou seja, inúteis.
- Se forem estudadas: é a investigação que revela as colecções e lhes amplia a capacidade de diálogo dentro da disciplina e com outras disciplinas; neste capítulo, interessa salientar a importância dos curadores residentes; eles são os mais profundos conhecedores das colecções que cuidam, das suas problemáticas e potencialidades; são quem melhor pode identificar as oportunidades de novas incorporações e estabelecer as pontes com a investigação universitária.
- Se forem colocadas em exposição: querendo com isto significar toda a parte de comunicação a que os museus estão obrigados. Continuo a sentir que a exposição é a estratégia, por excelência, de comunicação no museu, um momento único e insubstituível de fruição. Em torno da exposição, ou em paralelo, as possibilidades de comunicação alargam-se hoje desmesuradamente com as novas tecnologias e correspondentes conceitos.
- Se os museus permanecerem instituições efectivamente perenes, capazes de passar pelas conjunturas desfavoráveis sem prejudicar as colecções, na sua unidade, existência material e simbólica.
- Se os museus surgirem aos olhos dos cidadãos como instituições confiáveis, com tutelas estáveis, directores credíveis e com capacidade gestonária ao nível programático e orçamental.

Em suma, as colecções podem ser poderosos materiais de formação cultural, de indivíduos e sociedades, se os museus que as acolhem cumprirem as suas funções.

Todavia, os sinais do tempo presente são preocupantes. No plano internacional, as guerras e a instabilidade social continuam a causar danos em grandes museus, assunto que o ICOM tem acompanhado com especial atenção. No nosso país, a quebra de confiança entre os museus e os seus parceiros é muito grave. O ICOM PT, nas páginas deste boletim, tem dado conta disso mesmo em diferentes comunicados e artigos de opinião.

Metade da minha vida profissional foi passada em comissão de serviço como directora dos museus de Castelo Branco e Aveiro, tutelados pela administração central através do Instituto dos Museus. Considero que a extinção do Instituto e a passagem desses e outros museus para a tutela de Direcções Regionais configura

um modelo errado de organização do tecido museológico nacional que prejudica a sua coerência e desempenho. Acresce que a nova orgânica cerceou a capacidade de autodeterminação dos museus em aspectos simbólicos e gestionários como, por exemplo, a perda de capacidade de arrecadar e executar receita. Dói assistir a tamanho retrocesso, mas o que mais dói mesmo, é ver o que aconteceu com a RPM. É ver como se despediu (pode até ser tudo legal) uma equipa qualificada e única no país: as pessoas que deram a cara para elevar o grau de exigência dos museus portugueses. Essas pessoas foram imperdoavelmente maltratadas, mas não só: o Estado desautorizou-se perante autarcas e particulares para quem esses técnicos tinham sido o rosto da exigência da tutela superior.

Conexões, laços, relações, vínculos implicam confiança...

II **JOÃO CASTEL-BRANCO PEREIRA** **DIRECTOR DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN**

Conectar é estabelecer a ligação de uma coisa com outra, articular partes e, deste modo, estabelecer comunicação.

Estabelecer conexões é a vocação primeira dos museus. No início acumulavam-se objectos em tesouros e *cabinets d'amateur*, reunindo os mais significativos testemunhos da história e do génio humano e os espécimes que melhor ilustravam as ciências e os territórios do exótico; depois procuraram-se nexos entre os objectos, estudando e sistematizando as colecções disciplinarmente; com o advento do Capitalismo, surgiram as preocupações com o acesso alargado das populações a esses acervos tidos por exemplares, pela sua singularidade como registos de valores humanos e civilizacionais, comunicados tanto pelos objectos em si como pela vontade dos indivíduos e das sociedades em os salvar, estudar e divulgar.

Uma indústria da cultura, emergente após a 2ª Guerra Mundial, desenvolveu a moderna estratégia de exposições temporárias e itinerantes que estabeleceram diferentes nexos entre as instituições museológicas e os públicos a Ocidente.

Grandes exposições internacionais obrigaram assim à circulação dos patrimónios entre os museus e dos públicos entre os diferentes países que as realizaram. Descobria-se a vocação mediática das práticas museológicas.

Momentos irrepetíveis de confrontos de patrimónios, geradores de contextos únicos de interpretação, cientificamente sustentados, as exposições temporárias foram apropriadas por lógicas de consumismo imediato, objecto de entretenimento que secundariza, com excessiva frequência, o objectivo essencial dos museus, o do desenvolvimento social pelo enriquecimento intelectual dos indivíduos. Na actualidade este parece ter sido ultrapassado por lógicas de consumismo massificado, aferindo-se a eficácia cultural das suas actividades pela presença mediática e pela satisfação generalizada dos públicos, registada pelo número de visitantes e pelas receitas geradas por cada evento, omitindo-se o seu peso efectivo no conhecimento e na melhoria intelectual dos cidadãos.

Nesta perspetiva economicista outros nexos se definem, fazendo circular internacionalmente o prestígio das instituições e das suas colecções de que são exemplo o Museu Guggenheim em Bilbao ou o Museu do Louvre no Abu Dhabi.

Numa dimensão de proximidade, numa escala menor mas com evidentes consequências no desenvolvimento dos cidadãos e das sociedades, com outras e bem mais pertinentes valias civilizacionais, assiste-se a conexões técnicas e científicas entre diferentes museus, com ganhos de eficácia e partilha de esforços, tornando-se correntes as programações que não se fecham em si mas que se estruturam desde o início com a consciência da existência de outros com que se pode e deve trabalhar em paridade.

As Redes de Museus, tanto nacionais como regionais e temáticas, são macro estruturas que propiciam esta atitude e quebram o sentimento de isolamento e exclusão que pode surgir em instituições de menor dimensão ou mais periféricas.

Sem descurar o carácter próprio e desejável a cada uma delas, é bom raciocinar uma programação em partilha, nacional e internacionalmente, potenciando deste modo os meios de produção de actividades, os conhecimentos técnicos para as produzir, divulgando com maior abrangência novos conteúdos científicos e as competências das próprias instituições, com alargado benefício de diferentes públicos em diferentes territórios. A candidatura a projectos da Comunidade Europeia pode ser aí, por razões de sustentabilidade, mecanismo fundamental, obrigando sempre a colaborações entre diversas instituições.

De outro modo o reconhecimento de parceiros fora dos meios estritamente museológicos – empresariais, académicos, de representação social, etc. – propicia a descoberta de diferentes formas de pensar e agir que podem ser complementares e enriquecedoras para a programação das actividades dos museus.

É essencial, contudo, não esquecer que todas estas numerosas e difíceis tarefas que competem aos museus devem ser entendidas não como o objectivo principal do trabalho museológico, mas como instrumentos para realização da sua missão: a preservação dos patrimónios e das memórias dos homens e das sociedades no sentido de uma melhor entendimento do que nos rodeia e de uma efectiva melhoria civilizacional dos indivíduos.

NOVOS, RECENTES E RENOVADOS

MUSEU DO BENFICA – COSME DAMIÃO

LUÍS LAPÃO
CURADOR DO MUSEU



Vista exterior do museu, com entrada em primeiro plano (Foto: João Freitas)

“Não pode haver futuro se não cuidarmos do nosso passado”. Esta frase, proferida pelo presidente do Sport Lisboa e Benfica, Luís Filipe Vieira, encontra-se reproduzida logo na primeira área do museu. E a demonstração do que ela diz pode começar imediatamente pelo que se mostra a seguir, ao longo de quatro mil metros quadrados que são, por excelência, a reta final de uma grande obra. Vamos, então, à descoberta dessa obra. Desse passado a cuidar e desse futuro a cumprir.

Se fôssemos tele-transportados àquele tempo em que o museu do Benfica era, por assim dizer, um altar de troféus, confinado ao tradicional espaço sagrado e ao seu colectivo de adoradores, o primeiro sentimento seria provavelmente o da saudade do futuro. É que se a simples expressão “altar de troféus” diz tudo em três palavras, já o novíssimo Museu Benfica - Cosme Damião não pode dizer-se tão simplesmente. Um grande romance histórico ilustrado, a três dimensões, será talvez um modo possível de dizê-lo, contrariando a caverna de Ali Babá, o relicário de glórias ou o santuário de taças, descrições possíveis para chancelar a noção generalizada deste tipo de museus. Em redor dos tesouros materiais *per si*, plantam-se agora os factos, os lugares, as pessoas. Com sublinhado, é claro, para as pessoas. Afinal, o maior património do Sport Lisboa e Benfica são os benfiquistas – declarou-o, também, Luís Filipe Vieira.

Mas romper com o absolutismo do objecto, enquanto símbolo de poder, não foi tarefa fácil. Romper, em certa medida, com a pompa do propagado “We are the champions”, espécie de lema universal dos clubes desportivos – e, diga-se, um vício muito mau dos seus museus –, exigiu, sobretudo, um grande esforço de visão e realização. É que a tendência histórica de tomar como mote conceptual, neste universo museológico,

aquele chavão dos Queen deu quase sempre o mesmo resultado: a caverna, o relicário, o santuário. O triunfo do objecto em quantidade; a derrota da memória em carência.

Ao invés da clássica afirmação de poder através dum exército de troféus, houve que assumir como premissa a comunicação da memória. Deixando fluir, como diria Mário Chagas, a “gota de sangue”. Para, com ela, dar vida à história – ou melhor, a uma história da história –, votando-a à livre fruição sem lhe fazer demasiadas vénias. Foi, por isso, necessário pontuar o real e o mito; a comédia e o drama; os heróis e os vilões; os actores e o público; o cenário e os figurantes; a acção e a transformação. Foi necessário acarinhar a alma, a poética e o coração das coisas. Muito mais do que as coisas. Tal como o clube nascido em Belém em 1904, o Museu Benfica – Cosme Damião resultou de um sonho. Mais do que o simples sonho de um museu: o de uma obra cultural estruturante. Com uma colecção a rondar os trinta mil objectos, um fundo documental absolutamente singular e uma história de mais de cem anos, impôs-se um projecto integrado para preservar, estudar e disponibilizar esse património. Um património que é tanto de um clube desportivo quanto de um país.

Preservação e estudo – os dois grandes pilares



Ação de inventário, no Departamento de Reserva Conservação e Restauro (Foto: João Freitas)



O Centro de Documentação e Informação (Foto: João Freitas)

Deitou-se pés ao caminho na segunda metade de 2009.

Com um acervo em estado de conservação angustiante, condições inadequadas para o seu acondicionamento e insuficiências profundas quanto à sua inventariação e registo, foi necessário, primeiramente, desbravar esse trilho.

Aquartelou-se um Departamento de Reserva Conservação e Restauro (RCR). Criaram-se salas com estantes compactas, laboratórios para intervenções em materiais orgânicos e elementos metálicos, um estúdio de fotografia e uma sala com câmara de anóxia, entre outras medidas de aprovisionamento.

Iniciou-se um longo processo de higienização e desinfestação do acervo; desenvolveu-se internamente um sistema de inventário informatizado, de acordo com as especificidades da colecção; e tomou-se em mãos a intervenção de conservação e restauro, especialmente dirigida ao conjunto de testemunhos materiais que se destinavam à exposição permanente.

Em paralelo, implementou-se um programa de estágios, a nível nacional e internacional, e desenvolveram-se acções de formação e sensibilização em torno da conservação e gestão de colecções. O espaço de reserva foi adaptado de forma a ser visitável e integrou mesmo, durante algum tempo, o plano de visitas ao estádio – acção actualmente reservada a situações especiais.

Em Novembro de 2011, a primeira nota de reconhecimento público pelo trabalho desenvolvido neste “teatro de guerra”, com a atribuição do prémio “Melhor Intervenção de Conservação e Restauro” pela APOM (Associação Portuguesa de Museologia). Uma distinção que reforçou a ideia de estarmos no caminho certo.

A par e passo, implementara-se, numa outra frente, o Centro de Documentação e Informação (CDI). Igualmente dotado das melhores condições técnicas para preservar, organizar e disponibilizar um acervo de várias centenas de volumes, entre periódicos, registos fotográficos e documentos de arquivo, até então de difícil acesso. Acções de conservação e restauro em grande parte desses fundos foram sendo, desde cedo, articuladas com o RCR, ao mesmo tempo que se desenvolveram as tarefas de identificação, digitalização, catalogação e indexação de documentos de biblioteca e arquivo. Para além da sua utilização pelos meios de comunicação social do clube e outros departamentos internos, o CDI assumiu, desde o início deste projecto, um papel crucial nas tarefas de estudo, investigação e produção de conteúdos para o museu.

Desenvolveu um motor de busca em parceria com o Instituto Superior Técnico, integrou a realização de estágios curriculares e teses de mestrado em Ciências Documentais (com a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa); a realização de estágios curriculares em História (com o ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa, e a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); e o intercâmbio de documentos para digitalização (com a Federação Portuguesa de Futebol, a Associação de Futebol de Lisboa, a Hemeroteca Municipal de Lisboa, e os jornais desportivos “A Bola” e “Record”).

À entrada de 2012, grande parte do passado a cuidar e do futuro a cumprir tinha já os seus pilares bem firmes. O trabalho desenvolvido a nível da conservação e restauro (RCR) e do estudo (CDI) apresentava então condições para que se pudesse avançar com a terceira e última frente de combate: a da comunicação, ou seja: o museu.



Pormenor da área 1 – “Ontem e hoje” (Foto: Gualter Fatia)



5 – O expositor da área 3 – “Orgulho ecléctico”. Permite, no interior, o acesso a conteúdos. (Foto: Isabel Cutileiro)

Mais do que um museu: um instrumento de cultura

Começou cedo a busca de uma narrativa que fizesse jus à memória daquela que é, provavelmente, a maior paixão de um país. E, desde cedo, ficou claro que o espectáculo a montar pedia um palco e uma realização à altura. Visitas a museus em Portugal e no estrangeiro serviram para concluir que o verdadeiro museu de um clube desportivo se encontrava ainda por concretizar. Fizemos fé que podíamos ser os primeiros.

Havia, porém, um grande obstáculo, que logo se impôs como um desafio: o museu teria de nascer num espaço inicialmente concebido para fins comerciais, até então utilizado pelo ramo automóvel. Dois pisos “inundados” de colunas sólidas e um pé direito apequenado prometiam luta.

Executou-se uma remodelação exterior de continuidade, em harmonia com as linhas sóbrias do parque desportivo, tendo-se acrescentado um terceiro piso. Já a intervenção no interior foi mais complexa, na tentativa de otimizar o compromisso entre a museografia e a circulação, acrescentando o facto de se pretender um museu sem barreiras, acessível na mobilidade e na comunicação. O resultado foi um espaço de grande fluidez e forte atractivo estético e comunicacional.

Dispondo de 29 áreas temáticas bastante heterogéneas, o novo museu afirma-se pelo teor, o ritmo e os meios de apresentação de conteúdos, rompendo absolutamente com a sonolência e o autismo do antigo. Uma comunicação visual forte e um bom equilíbrio entre as ferramentas tecnológicas e as mais convencionais conferem-lhe uma identidade e funcionalidade únicas.

Sob os pontos de vista da arquitectura e da museografia, uma marca estetizante muito própria, particularmente acentuada nalguns elementos, distinguem claramente a obra. São os casos da cúpula redonda, que alberga um anfiteatro (com capacidade para 86 pessoas) e demarca exteriormente o edifício; o grande cone invertido que rompe o primeiro piso e acolhe com simbolismo e efeitos visuais os visitantes, logo à entrada do piso 0; o expositor com quase quinhentos troféus que atravessa três andares, permitindo, no seu interior, o acesso a toda a memória associada; ou a rampa que liga os pisos 0 e 1 e que constitui uma das áreas de maior impacto comunicacional do museu.



A mesa interativa, na área 4 – “Momentos únicos” (Foto: Isabel Cutileiro)



As conquistas internacionais, na área 12 – “Honrar o País” (Foto: João Freitas)

As 29 áreas temáticas cobrem todos os grandes temas da história do clube. O futebol, como não podia deixar de ser, ocupa uma parcela significativa, com especial incidência nas conquistas e nas figuras que marcaram a sua vivência desde 1904 até à actualidade. As memórias de Eusébio, nome maior do futebol português, e de Cosme Damião, referência máxima dos primeiros tempos do clube, pela sua importância como atleta, treinador e dirigente, têm lugar de destaque. Mas também, sublinhando a génese e a evolução eclécticas do clube, os outros desportos encontram-se aqui amplamente documentados, com três áreas em particular bem recheadas de memória material e imaterial.

A evolução do Sport Lisboa e Benfica ao longo do tempo, a sua marca de portugalidade e universalidade são igualmente pontos de passagem obrigatórios. Com efeito, o que faz diferente e fracturante este museu na sua proposta de conteúdos é, sobretudo, a sua abertura para comunicar outras histórias. Nomeadamente, a história da cidade de Lisboa, a de Portugal e a do mundo, sempre em relação com a do clube. Com uma área exclusivamente dedicada aos grandes acontecimentos que marcaram a história da cidade que viu nascer o Benfica, e outra ao país e ao mundo que o viram crescer, a perspectiva sincrónica da memória benfiquista é, pela primeira vez, disponibilizada ao público.

Uma terceira área, dedicada à relação histórica do clube com os vários universos da vida social e cultural portuguesa – como o cinema, o teatro, a música, a literatura, a arte, a televisão, a rádio, a tauromaquia ou a filatelia –, é igualmente diferenciadora das habituais linhas de curadoria em museus de desporto. Esta

realização, que pretende, também, chegar a diferentes tipos de público, quer no que respeita a faixas etárias, quer no que concerne a proveniência social e geográfica, vinca particularmente a vocação deste museu para se afirmar como um centro de aprendizagem. A sua utilidade em matéria de função educativa, propiciando a interpretação do desporto como uma ponte para o exercício da cultura e da cidadania, faz, efectivamente, cumprir o museu como um instrumento dinâmico, promotor do conhecimento, da participação e da mudança. Cumpre-se, pois, a vontade de uma obra ao serviço do futuro, como quis Vieira; ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, como postula o ICOM na sua definição de museu.

Em boa verdade, a passagem do velho discurso ensimesmado, ou da mudez, ao diálogo com o mundo permite também trazer ao nosso museu aquele nicho de pessoas que Pierre Bourdieu classificou um dia de um “não público”, isso é, o público que não visita museus; ou, tão simplesmente, o que não visita museus de clubes desportivos. Este olhar, que quis ver no museu um meio de excelência pedagógica, abriu lugar, também, à interdisciplinaridade e à participação. O estabelecimento de parcerias com outros museus e entidades de natureza diversa foi assumido como determinante para a qualidade da comunicação e da interação com os públicos, com especial enfoque nas já referidas áreas “contaminantes”.

A colaboração foi ampla e diversificada, com cedência de conhecimento e acervo por parte de instituições como o Museu Nacional do Azulejo, o Museu Militar, o Museu da RTP, o Museu da Farmácia, o Museu do Ar, o Museu da Marinha, a Fundação Portuguesa das Comunicações, a Fundação Amália Rodrigues, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Fundação do Gil, a Fundação José Saramago, ou o Gabinete de Estudos Olisiponenses, entre muitas outras, para além de colaborações individuais inestimáveis, o que permitiu mudar a tradicional forma de aproximação ao visitante, ou, numa perspectiva mais humanista, ao cidadão.



Pormenor da área 15 – “No caminho do tempo” (Foto: Isabel Cutileiro)



9 – A área 18 – “E Pluribus Unum” –, especialmente dedicada a Cosme Damião (Foto: Isabel Cutileiro)

Também no campo da acessibilidade, cumpriu-se o museu inclusivo, com um espaço e uma comunicação transversalmente acessíveis. Neste âmbito, estabeleceram-se parcerias com a ACAPO (Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal) e a APS (Associação Portuguesa de Surdos), sendo de salientar a disponibilização de grande parte dos conteúdos digitais em língua gestual portuguesa e contando toda a produção escrita com uma versão em língua inglesa.

Inaugurado a 26 de Julho de 2013, pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, António Costa, e o presidente do Sport Lisboa e Benfica, Luís Filipe Vieira, o museu passou já os trinta mil visitantes e foi, em dezembro de 2013, distinguido pela revista “Time Out” com o “Prémio Time Out”, na categoria de Novidade do Ano.

Conscientes do efeito de *spinn-off* que ele pode ter, encontra-se em desenvolvimento uma estratégia de divulgação e promoção comercial do museu, junto de operadores turísticos, prescritores de destinos, agências de viagens, empresas de animação turística e outros agentes, com vista a torná-lo numa visita

cultural incontornável da cidade de Lisboa e do País. Paralelamente, encontram-se em fase de planificação e desenvolvimento acções no âmbito do serviço de mediação e educação, com a ambição de se cumprirem as funções social e educativa a que o museu se propõe.

No campo da acção expositiva, buscam-se já, também, outros horizontes. Contando com uma sala de 300 m² para exposições temporárias, está em fase de preparação, para implementação nesse espaço, a primeira mostra, com data de inauguração prevista para meados de 2014. Uma realização, tal como a da exposição permanente, também ela alinhada com os propósitos de satisfazer um público heterogéneo, sendo o tema em foco totalmente inesperado, à margem de clichés temáticos e museografias convencionais.

Ter-se-á, assim, cumprido um museu que se afirma, antes de mais, como um instrumento de cultura, um espelho em que se mira especialmente a comunidade benfiquista – reconhecida como a maior família associativa do mundo – mas também a população de Lisboa e os cidadãos portugueses em geral. Em última análise, o museu disponibiliza, aos olhos do público estrangeiro, uma fotografia daquele mesmo espelho.

Após a inauguração, a equipa de gestão centrou o olhar na avaliação e melhoria contínuas, de modo a garantir a qualidade e a excelência. Essa acção tem permitido solucionar algumas carências ou ineficácias que resultaram de um processo complexo e exigente, como é normal acontecer em obras de grande dimensão. Melhorias, por exemplo, ao nível da divulgação, operacionalidade, relação com o público, ou articulação com produtos culturais e comerciais, sempre na tentativa de satisfazer, fidelizar e encantar de forma contínua o visitante.



O anfiteatro, pertencente à área 29 – “O voo da águia” (Foto: João Freitas)

Um grande museu, uma grande equipa

O Museu Benfica – Cosme Damião é o resultado de um processo, o que implica descobrir nesse resultado o sinal das competências aplicadas por toda a equipa da instituição e outros agentes envolvidos nesse mesmo processo (várias centenas de profissionais e dezenas de colaborações coletivas). Um processo cuja eficácia tem sido demonstrada na satisfação generalizada das pessoas.

É preciso reforçar que o museu foi feito primeiramente para as pessoas, cabendo nelas os benfiquistas, os não benfiquistas, os amantes do desporto e os não amantes, os portugueses e os estrangeiros, os homens e as mulheres, as crianças e os adultos. Para chegar a todos, o museu dispõe de uma equipa de mediadores culturais devidamente qualificados. Sem descurar o entretenimento e a realização de eventos, existe no piso 2 uma área lúdica, destina ao público em geral, e um auditório, com capacidade para 168 lugares sentados.

A tabela de preços da visita ao museu foi concebida com base num estudo comparativo, no contexto dos museus (desportivos ou não) e outros equipamentos culturais, existentes em Portugal e no estrangeiro. O público em geral dispõe de bilhetes a 10,00 euros (adultos) e 4,00 (crianças); os sócios adultos do clube pagam 5,00 euros e os menores 2,5 euros, sendo gratuito o acesso a portadores de “Red Pass”. Existe, ainda, o bilhete “Família”, a 20,00 euros (2 adultos + 2 crianças) e um plano de preços reduzidos para Casas do Benfica e visitas de grupo.

A obra foi executada sob a presidência de Luís Filipe Vieira; vice-presidência para o património cultural de Alcino António; direcção e gestão de projecto de António Ferreira; curadoria e projecto museológico de Luís Lapão; coordenação de Reserva, Conservação e Restauro, e Serviço de Mediação e Educação, de Inês Mata; coordenação do Centro de Documentação e Informação de Rita Costa; e produção de Pedro Blanco.

Como principais parceiros externos, são de destacar:

Na área da conservação e Restauro, a ARGO – Conservação & Restauro, com direcção de Mariana Basto; a ARGO – Arte, Património e Cultura, com direcção de Mariana Basto e coordenação técnica de Sara Leite Fragoso; no projecto museográfico: a empresa MuDe – Museos Deportivos, com direcção geral de projecto de Daniel Gazzo e direcção criativa de Hector Berra; a Lopatin Arquitectos, com direcção de arquitetura de Ignacio Lopatin; e o Ateliê Henrique Cayatte, com direcção de arte de Henrique Cayatte; na construção museográfica: a Eurostand, com direcção de César Silva e coordenação de obra de Ana Mafalda Serrano e João Bicho; na construção civil: a GB Engenharia & Oliveira e Castim, com responsabilidade técnica de Rui Oliveira, Gonçalo Buraca e Anabela Oliveira; no projecto de arquitectura: a Draft21 – Urbanismo, Arquitectura, Lda., com os projectistas Isabel Valadão Pessoa, Paulo Correia, Pedro Carneiro de Moura e Ivete Bernardes; e no audiovisual: a Iniziomedia, com direcção criativa de Bruno Cerveira, a Luque Film, com direcção geral de Gustavo Luque; e a Trails Multimedia.

NOTÍCIAS ICOM

NOMEAÇÃO DE LUÍS RAPOSO PARA GRUPO DE TRABALHO DO ICOM INTERNACIONAL

Na sua 127ª sessão, que teve lugar em Paris nos dias 12 e 13 de Dezembro de 2013, o Conselho Executivo do ICOM Internacional confirmou o estabelecimento de um grupo de trabalho chamado **Working Group on the Statutes, Internal Rules and Regulations and Governance** para o período 2014-2016. O actual Presidente do ICOM Portugal, Luís Raposo, foi nomeado membro deste grupo de trabalho, que será presidido pelo norueguês Per Rekdal from Norway. O mandato iniciou em Janeiro 2014.

O propósito e missão deste grupo de trabalho é sobretudo analisar e aconselhar o Presidente e o Conselho Executivo sobre os Estatutos, Regras Internas e Normas e propor possíveis melhorias que permitam aos corpos directivos tomarem decisões informadas.

CONCEITOS-CHAVE DE MUSEOLOGIA EM PORTUGUÊS

Encontra-se em divulgação e também acessível no nosso site, em versão digital, a edição em português dos Conceitos Chave de Museologia, cuja redacção original teve a direcção de André Desvallées e de François Mairesse, enumerando e contextualizando, quanto à sua origem e evolução, vinte e um conceitos museológicos essenciais à museologia actual.

A tradução em português e os comentários que asseguram “o referenciamento para o contexto cultural e social brasileiro” devem-se a Bruno Brulon Soares e a Marília Xavier Cury.

Esta edição, de 2013, foi promovida pelo Comité Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, com a Secretaria do Estado de São Paulo e a Secretaria de Estado da Cultura, tendo o apoio da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM, através da colaboração de Marta Lourenço, Graça Filipe e Paula Menino Homem, na revisão da tradução, de acordo com as especificidades gramaticais e terminológicas de alguns termos em Portugal.

A publicação está disponível para download no site do ICOM Portugal.

NOVAS PUBLICAÇÕES

Crafting Preservation Criteria: The National Register of Historic Places and American Historic Preservation

John H. Sprinkle, Jr.

Editora: Routledge

Preço: £24.99

ISBN 978-0-415-64256-9

Migrating Heritage: Experiences of Cultural Networks and Cultural Dialogue in Europe

Perla Innocenti (ed)

Editora: Ashgate

Preço: \$63.00

ISBN 978-1-4724-2281-1

The Postcolonial Museum: The Arts of Memory and the Pressures of History

Iain Chambers et al (eds)

Editora : Ashgate

Preço : \$58.50

ISBN 978-1-4724-1567-7

CALENDÁRIO DE INICIATIVAS MAR - MAI 14

[Curso] **DESIGN INCLUSIVO: MITO OU REALIDADE?**

17 MAR

Museu da Electricidade, Lisboa

Mais informações: www.acessocultura.org

[Jornadas] **XII JORNADAS DA PRIMAVERA DO ICOM PORTUGAL – PLANEAR E PROGRAMAR MUSEUS: CRIAR CONEXÕES, ENVOLVER A SOCIEDADE, CONSTRUIR UMA VISÃO CULTURAL DE DESENVOLVIMENTO**

31 MAR

Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

Mais informações: www.icom-portugal.org

[Conferência] **MAPPING CULTURE: COMMUNITIES, SITES AND STORIES**

28 MAIO

Coimbra

Organização: Centro de Estudos Sociais

Mais informações: <http://artes.porto.ucp.pt>

[Congresso] **II CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PATRIMÓNIO INDUSTRIAL: PATRIMÓNIO, MUSEUS E TURISMO INDUSTRIAL**

22 A 24 MAIO

Universidade Católica, Porto

Organização: Associação Portuguesa para o Património Industrial, Universidade Católica Portuguesa, CITAR – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes

Mais informações: <http://artes.porto.ucp.pt>

INFORMAÇÃO ICOM.PT é uma publicação trimestral da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM.

Editora Maria Vlachou (mariavlachou.pt@gmail.com)

Design Sistemas do Futuro